

Vitrine para os estreantes

O Judeu vence o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro de 1995. A festa de premiação é um desastre. O populismo dá as cartas. Em 96, Sílvio Tendler organizou o melhor festival dos últimos 10 anos. Apostou nos estreantes. Apesar da comissão de seleção ter, injustamente, eliminado *O Sertão das Memórias*, a safra foi de primeira. *Baile Perfumado* sagrou-se o grande vencedor.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Os festivais de 95 e 96 só têm um ponto em comum. Acabaram ambos com festas de premiação tumultuadas. A de 95, ano em que o vencedor foi *O Judeu*, de Jom Tob Azulay, entrou para a história como a noite de premiação mais desastrosa e populista que já se viu. A de 96, que consagrou *Baile Perfumado*, também não funcionou bem. Mas esteve longe do clima patético do ano anterior. E teve, a seu favor, safra rara no Brasil de meados da "década perdida" até os dias de hoje.

Se não tivesse excluído *O Sertão das Memórias*, filme do cearense (radicado nos EUA), José Araújo, o Festival de Brasília teria entrado, sem mancha, para a história do cinema brasileiro. Entrou mesmo assim, pois tinha três filmes de primeira linha na mostra competitiva. E tinha uma diretriz: apostar no novo. Servir de vitrine aos estreantes.

Em parceria com a Unesco deu prêmio a jovens realizadores (no caso o pernambucano Lirio Ferreira e o paraibano Paulo Calda, a dupla perfumada). Destacou os méritos de Tata Amaral com seu corajoso *Um Céu de Estrelas*. Ai, faltaram prêmios importantes para o vigoroso *Como Nascem os Anjos*, de Murilo Salles. Mas o filme foi o grande vencedor do juri popular. O que era esperado, pois recebeu da agitada platéia do Festival, a maior ovação de que se tem

lembrança no cinema da 107 Sul. Foram dez minutos de delírio. Murilo Salles e os atores Priscilla Assum e Sílvio Guindani foram aplaudidos de pé.

Os prêmios principais ficaram mesmo com os três melhores filmes. O simpático *Pequeno Dicionário Amoroso* ganhou mais prêmios que merecia (melhor fotografia, melhor montagem) e o desastrado *O Lado Certo da Vida Errada* levou trilha sonora. Equívoco bravo.

Mas prêmio secundário é prêmio secundário. O que fica para a posteridade são os grandes prêmios. E estes foram parar nas mãos certas. As de Ferreira & Caldas, Tata Amaral e Murilo Salles. Acertou-se no atacado e errou-se no varejo.

Árido-movie - Brasília foi a primeira grande vitrine do árido-movie. Em 95, premiou um dos ícones do movimento: o curta *Maracatu*, *Maracatus*. No ano seguinte, chegou a vez de *Baile Perfumado*, o longa de Ferreira & Caldas. Um filme 100% inédito. Ninguém, nenhum crítico

ou jornalista, tinha visto o filme pronto. Só a equipe técnica e um ou outro integrante da equipe artística. Festival é isto: a primeira vitrine. O lugar da descoberta, da transgressão, da busca de novas linguagens. Se é para passar filme já exibido em muitos outros festivais e até lançados comercialmente prá que fazer festival?

Prá que gastar tempo e dinheiro?

A triste lembrança do Festival fica com Walter Rogério. Premiado em Brasília/90, com a deliciosa comédia



Baile Perfumado, o vencedor de 1996, está em cartaz no Cine Brasília

Beijo 2348/72, ele chegou cercado de expectativa. Todo mundo estava curioso para ver seu segundo longa, o policial noir *Os Olhos de Vampa*. Só que o resultado foi uma decepção. O melhor curta de 97 foi o poético *Mr. Abrakadabra*, do baiano José Araripe Jr., feito em homenagem ao centenário do cinema, em belo branco e preto.

O Judeu - O Festival de 95 não deixou grandes saudades. *O Mandarim*, de Bressane, é biscoito fino, como a maior parte da obra do diretor. Mas não levanta a politizada platéia do festival candango. Saiu de Brasília com o prêmio da Crítica, de melhor ator (Fernando Eiras).

Já o juri oficial preferiu *O Judeu*, que ganhou dois prêmios técnicos secundários. A reforma agrária foi total no juri. A melhor direção ficou com *No Rio das Amazonas*, belo documentário de Ricardo Dias. Mas, constrangedoramente, o filme ganhou o prêmio de melhor documentário. Só que não disputou a estatueta com nenhum outro concorrente. Foi o miço do ano.

O juri popular discordou do juri oficial e da crítica. Elegeu o longa em episódios *A Felicidade É...* dos gaúchos



O Judeu: melhor filme de 1995

Jorge Furtado & José Pedro Goulart, e paulistas José Roberto Torero & Cecílio Neto. Para o cínico *16.0.60*, de Diogo Mainardi, sobram os prêmios de melhor roteiro, atriz coadjuvante (Marcélia Cartaxo) e melhor atriz (Maitê Proença, dividido com Denise Fraga, de *A Felicidade É...*

O Festival de 97, que começa dentro de 18 dias, não se anuncia dos mais animadores. Os dois únicos longas inéditos - um do veterano Denoy de Oliveira (*A Grande Noitada*) e outro do estreante Aurélio Michillis (*O Cineasta da Selva*) - não arrebataram os poucos espectadores que os viram.



Divulgação